

É possível a escola “regular”, incluir cada criança em sua singularidade e diferença?

Juratriz Salete Ribas

A inclusão escolar é um tema complexo e multidimensional que pode ser abordado a partir das perspectivas psicanalíticas focadas nesse texto nas teorias de Freud e Lacan.

Na psicanálise freudiana, o foco principal reside na estruturação e desenvolvimento da personalidade. Freud acreditava que a mente humana é composta por diferentes níveis, como o consciente, o pré-consciente e o inconsciente, onde processos mentais, desejos e conflitos ocorrem. Quando aplicamos essa perspectiva à inclusão escolar, podemos considerar como as experiências passadas, os traumas e os conflitos inconscientes das pessoas que compõem o trabalho da instituição escolar. O que vai refletir no sujeito escolar, influenciar sua capacidade de se adaptar a um ambiente escolar inclusivo.

Por outro lado, a abordagem de Lacan na psicanálise coloca uma ênfase particular na linguagem e na formação da estrutura do sujeito. Lacan propôs a ideia de que a estrutura é construída por meio do "espelho" proporcionado pelo olhar do outro, o que nomeia de o Estádio do Espelho e a linguagem desempenha um papel crucial nesse processo de simbolização do sujeito. Quando se trata de inclusão escolar, a teoria lacaniana sugere que as interações sociais e as dinâmicas de grupo na escola têm um impacto profundo na formação da identidade das crianças. Estar na escola dá o status de criança de pertencimento a um grupo. Mesmo decadente, falida na sua

capacidade de sustentar uma tradição de ensino, a escola pode ser uma instituição poderosa quando lhe pedem que assine uma certidão de pertinência: quem está na escola pode receber o carimbo de 'criança'. Ir à escola - como observa Jerusalinsky - é melhor que ir ao manicômio" (Kupfer, 2000).

A criação da escola contorna então um Real e passa a dizê-lo. E, ao contornar o Real, pode passar a dizer o que ela *não* é, ou quem *não* são suas crianças.

Kupfer (2005) faz algumas críticas e apresenta reflexões acerca da defesa da inclusão incondicional de todos os alunos nas escolas, sejam eles pobres ou “especiais”. Para a autora há dois problemas nessa defesa incondicional, tais quais: a confusão que se instala quando aparece, ao lado da defesa da igualdade, a igualdade vigorosa da defesa das diferenças entre as crianças; e o caráter absoluto com que se defende a inclusão, quando se afirma que ela precisa ser feita a qualquer custo. Para sustentar esses problemas apontados, Kupfer (2005) ressalta o modo específico de pensar a igualdade na psicanálise: a igualdade na lei simbólica, na estrutura geral, pode fazer surgir a diferença ou a singularidade. E completa que todas as crianças deverão ir para a escola, na qual deverão ser tratadas como iguais, para que a partir disso possam aparecer as diferenças. Não, porém, as diferenças de cor, de visão, de audição ou de inteligência; mas sim as subjetivas, pois são as “diferenças subjetivas na apreensão do mundo [...] que permitem o surgimento de seus estilos e, portanto, do novo. Um novo singular que poderá retornar ao social para revigorá-lo” (KUPFER, 2005, p.23).

Além disso, a autora afirma que a inclusão não é para todos, colocando que só o estudo de cada caso dirá para quem a escola será produtiva. “Certamente, será para a grande maioria das crianças, especiais ou não, mas, repetindo, não para todas” (KUPFER, 2005, p.24).

Testemunhamos diversas situações de crianças matriculadas em regime de inclusão, mas pertencendo a classes nas quais não têm condições de acompanhar os conteúdos do ponto de vista da aprendizagem, e, ao mesmo

tempo, do ponto de vista da sociabilização. Esta situação de inclusão em falso, via de regra, desencadeia graves atuações das crianças pelas quais se denuncia a exclusão que subjaz às suas inclusões fictícias, algumas vezes culminando em formações delirantes de cunho persecutório ou de fantasias de desaparecimento com grave angústia e custo psíquico.

Na medida em que sabemos da importância inquestionável do Outro social, representado pela escola, pela figura do professor e pelos colegas, para a constituição psíquica e para as aquisições que fazem parte do desenvolvimento (aprendizagem, hábitos, psicomotricidade e linguagem), é preciso que possamos interrogar: por quais outros caminhos a inclusão dessa criança pode se tornar mais possível?

Portanto, criar um ambiente inclusivo significa não apenas oferecer recursos práticos, mas também cultivar uma cultura de aceitação e respeito entre os alunos, reconhecendo a importância da linguagem e das interações sociais na construção da identidade.

A criança quando chega à escola traz consigo uma bagagem histórica familiar que vem carregado de emoções inconscientes de frustração ou inadequação, provenientes de experiências anteriores, o que vai interferir em suas interações sociais no ambiente escolar.

O referencial psicanalítico pode ajudar educadores e terapeutas a partir do olhar e da escuta a compreender as motivações inconscientes por trás do comportamento de cada aluno, e a criar um ambiente que seja sensível às suas necessidades emocionais. Trabalha a partir do caso a caso, escutando o sujeito na tentativa de produzir o laço social e auxiliar a criança a sustentar um lugar de pertencimento, desde o qual lhe faça sentido compartilhar.

A escola oferece profissionais para acompanhar as crianças e adolescentes “de inclusão”, existem diferentes nomenclaturas como: PAEE, AEE, A.T, que muitas vezes são usadas como sinônimas , mas há uma diferença no significado que cada uma carrega. O Professor de Apoio Educacional Especializado – PAEE e Atendimento Especial Especializado – AEE, acompanha o aluno no contexto escolar. O acompanhante Terapêutico - A.T vem a partir da luta antimanicomial ele carrega um efeito de trabalho e não um lugar concreto circula nos diferentes lugares, para dar suporte necessário ao laço do sujeito com o contexto social. São profissionais que atuam em funções diferenciadas, porém com o mesmo sujeito no contexto escolar.

Além do mais, as crianças em processo de inclusão - por suas dificuldades - muitas vezes personificam e representam para funcionários da escola, colegas e familiares um lado estranho, assustador ou exógeno. Em 1919, Freud no texto O Estranho, em alemão unheimlich, esse termo denomina a relação com o assustador frente ao que é familiar, conhecido. O duplo que nos causa horror, Freud nos dirá que o estranho é assustador, que remete ao conhecido, de velho e há muito familiar. É a ambivalência psíquica que confrontamos com algo familiar e estranho. Aquilo que nos é familiar acalma, o incomum – assusta, essa ambivalência assusta. A história do Homem de areia lembrada por Freud como uma ilustração do estranho, o estrangeiro que, desde sempre, vive em nossa casa, é o que mais de exterior e íntimo, de mais estranho e familiar.

Seria a inclusão uma forma de ter o estrangeiro próximo, mas não muito, para afirmar a nossa normalidade? O queremos que ele esteja por perto para normalizá-lo? E assim termos a ilusão de eliminar as diferenças?

Ocorre que, as diferenças são irredutíveis, elas resistem a inclusão para não acontecer. O que retorna é o fracasso da empreita em forma da conhecida exclusão ou da resistência do outro incluído, que não aprende, ou não se comporta bem, ou enfim que não se normaliza. E o discurso final será o da impotência contingencial, como: “nós tentamos, mas a natureza, o governo, os recursos ...”

Acreditamos haver um viés nesta discussão, um fantasma que opera insistentemente no discurso psicopedagógico, que poderíamos chamar de “inclusão para domesticar o estrangeiro que resiste no outro, metáfora do que existe em nós mesmos. Assim, ele pode ser incluído desde que fique congelado em sua estranheza e não perturbe nossas certezas. O estrangeiro é uma metáfora especial objetivada de uma distância temporal subjetiva” (Zygouris, 1998, p. 201).

A isso podemos somar a observação de Skliar quanto ao fato de não existir sujeito na deficiência, o estrangeiro é reduzido a uma massa indistinta, precisa ser dessubjetivado e conhecido apenas pela sua estrangeirice, seja uma raça ou uma deficiência. O incluído, esse estrangeiro.

Assim, O eu e o outro, - ambos regulados pela norma – são figuras que se necessitam. Ora se estivermos de acordo com a contribuição Freudiana a cerca do estranho, do sinistro, podemos dizer que o outro da exclusão (o a-normal) é o estrangeiro que retorna, o recalcado, aquele de que não queremos saber a não ser para nos tranquilizarmos quanto a nossa

normalidade. Quando nos deparamos com a deficiência/diferente, que nos é familiar porque é humano e ao mesmo tempo estranho devido as suas diferenças, como por exemplo crianças autistas, psicóticas, entre outras que o diferencia daqueles que fazem contato. Então passamos a evitar o olhar, fazemos de conta que não enxergamos, viramos o rosto, mas o que é familiar e nos causa estranhamento é que são humanos.

A inclusão como entrada na escola de crianças que estavam fora dela devido às suas diversidades força uma situação que traz incomodo, que é a presença do estrangeiro próximo demais. Da maneira como tem sido feita a inclusão resolve este impasse, pois autoriza ao outro que se aproxime, desde que permaneça congelado em sua estranheza e sempre sob a batuta da normalização.

Portanto, é necessário sublinhar que o desejo do professor desempenha um papel fundamental na forma como a educação ocorre. O desejo do professor não é apenas um interesse profissional em ensinar, mas também envolve desejos inconscientes, expectativas e projeções em relação aos alunos. Esses elementos podem influenciar a forma como o professor se relaciona com cada aluno, inclusive aqueles com distúrbios globais do desenvolvimento.

A presença de crianças autistas, psicóticas, síndromes pode desencadear demandas inconscientes no professor. Essas demandas podem ser influenciadas por ideias preconcebidas, ansiedades, medos e fantasias inconscientes relacionadas à deficiência ou à diferença. O desejo do professor pode ser influenciado por essas demandas, afetando a forma como eles se aproximam e interagem com esses alunos.

Lacan coloca que as fantasias inconscientes podem influenciar a maneira como os professores se envolvem com os alunos. No contexto da inclusão de crianças com distúrbios globais do desenvolvimento, os professores podem desenvolver fantasias de "cura" ou de "normalização", projetando suas próprias expectativas e desejos no processo de educação. Essas fantasias podem afetar a maneira como o professor se relaciona com os alunos, às vezes influenciando a pressão por conformidade aos padrões convencionais. Lacan introduziu os conceitos de "S1" (Significante-mestre) e "S2" (Significante do saber) para descrever a relação entre o desejo do professor e o conhecimento transmitido. O desejo do professor é representado pelo S1, enquanto o conhecimento é representado pelo S2. Quando se trata da inclusão de crianças com distúrbios globais do desenvolvimento, o professor deve considerar como sua relação com o desejo (S1) e o conhecimento (S2) influenciará sua abordagem pedagógica.

No contexto da inclusão de crianças com distúrbios globais do desenvolvimento, o desejo do professor pode ser direcionado para facilitar a compreensão, a comunicação e o desenvolvimento desses alunos, sem impor padrões de normalidade ou forçar a conformidade.

Na perspectiva da psicanálise Lacaniana, isso é particularmente relevante na inclusão de crianças com distúrbios globais do desenvolvimento, onde o desejo do professor pode impactar a maneira como essas crianças são compreendidas, tratadas e educadas. É crucial cultivar uma abordagem que valorize a singularidade de cada aluno e promova uma relação educacional baseada no respeito, na escuta e no compromisso com o desenvolvimento integral de cada indivíduo.

Sendo assim, poderão propiciar as condições para mudanças na posição daquela criança frente à escola, de modo a não ser apenas um espaço para ir e sim um lugar que permita que ela se reconheça e seja reconhecida na posição de aluno.

O desafio da escola é estar atenta para a maneira de como vai acolher este aluno. Este que na verdade traz no pensamento, nas emoções ou na forma de brincar, a maneira de como foram olhados, escutados e percebidos pelo outro.

“Há na educação inclusiva e na perspectiva Psicanalítica a introdução de um olhar. Uma maneira nova da gente se ver, ver os outros e ver a educação.” (REIS, 2000).

De encontro a isto, a apresentação a um novo universo simbólico, o escolar, pode permitir a estas crianças uma outra forma de organização e expressão, inaugurando assim um novo caminho.

Acreditamos, no entanto, que a escolarização das crianças com dificuldades é possível apenas se a criança estiver em tratamento, se suas famílias dedicarem algum investimento para a escola na vida de seus filhos e se o professor (como representante institucional) puder ver na criança algo na ordem da autenticidade e não da estranheza.

